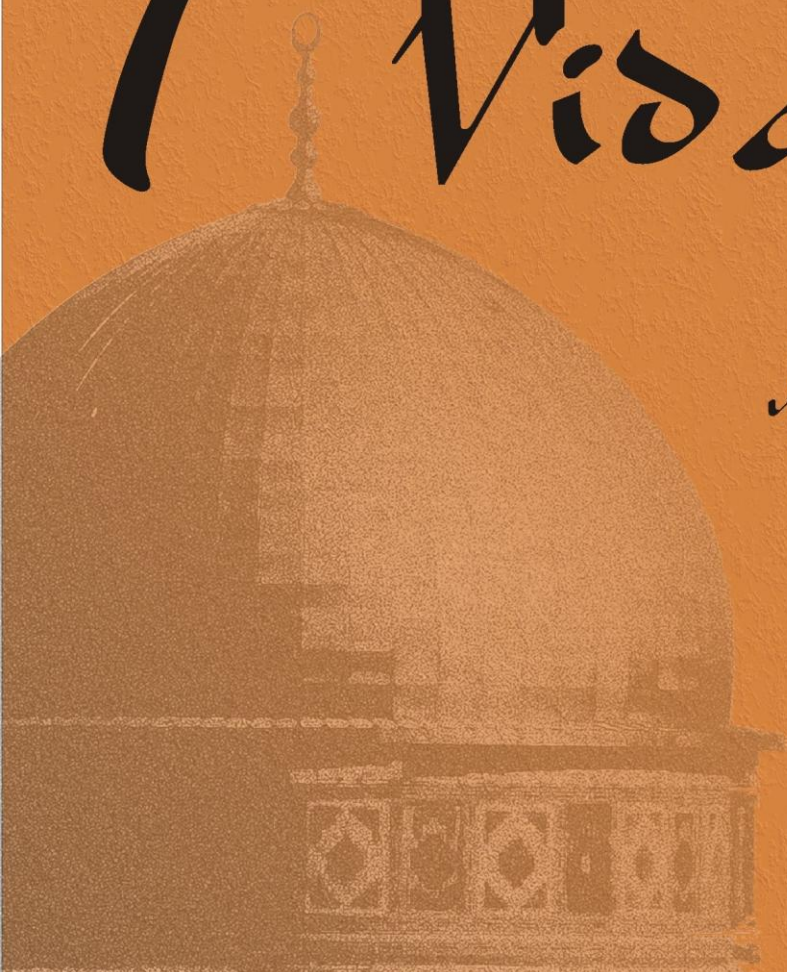


7 Dias Vidas

Karin

Franco





Universidade Federal do Pampa (Unipampa)
Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo
Projeto Experimental – Trabalho de Conclusão de Curso II
Segundo semestre de 2010

Autor: Karin Franco

Orientação: Prof. Me. Joseline Pippi

Diagramação: Karin Franco

Fotos: Karin Franco

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons - Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/> ou envie um pedido por escrito para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

Sumário

Apresentação	5
Fayez: A fé durante o Ramadã	6
Ola: Depois do ramadã	18
Claudia: O casamento fora da religião	36
Aida: O trabalho para o muçulmano	41
Muezar:Refugiados no Brasil	51
Marciel: O jovem brasileiro muçulmano	56
Kelen: A jovem brasileira muçulmana	62
Agradecimentos.....	70

Apresentação

Um dos problemas do mundo atual é conseguir conviver com suas diversidades. Várias pessoas de cores, línguas e culturas diferentes se cruzam em cidades espalhadas por todo o mundo. São Borja não é indiferente a esta realidade. Culturas das mais diversas se manifestam na cidade. Essa manifestação da diversidade é transmitida nas próprias ruas. São várias igrejas evangélicas, católicas e espíritas espalhadas no centro da cidade. Mas não são elas que chamam mais atenção nesse espaço. Um sotaque, uma vestimenta diferente e uma música com uma melodia mais arrastada, fazem atizar a curiosidade dos que ali passam. Estamos falando dos muçulmanos que trabalham e moram em São Borja.

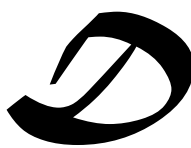
Muitos acham que são em sua maioria estrangeiros. Outros acham que nem sabem falar o português. Muitos acreditam que são estrangeiros milionários. Outros pensam que são todos “turcos”. Mas as relações dessa religião que abriga vários brasileiros vão

muito além de apenas ser mais uma na multidão. Ela já faz parte do aspecto visual da cidade, além de ser uma das grandes propulsores do comércio do município.

Nas próximas linhas tentarei mostrar como os muçulmanos se adaptam às peculiaridades da cidade. As entrevistas, realizadas durante o segundo semestre de 2010, são amostras do dia a dia das pessoas, e tentam explicar um pouco desse mundo desconhecido e instigante de São Borja.

Fayez:

A fé durante o Ramadã

epois de alguns dias de chuva, o sol aparecia aos poucos. O jornal da cidade, aberto sobre a mesa, estampava o acidente que ocorrera naquela semana. Uma professora de uma das universidades morreu ao colidir com uma carreta. Fayez Abdo Hijazi, 71 anos, me mostra a matéria. “Eles correm demais”, reclama o comerciante, que há mais de 30 anos veio para São Borja tentar ganhar a vida. Enquanto conversamos, uma mulher loira entra na loja de calçados que fica em frente à praça da cidade. Ela traz consigo algumas verduras. Fayez conversa com a mulher, enquanto sua esposa, Salwa Hijazi, 48 anos, olha o que ela trouxe. A mulher oferece as rapaduras que ela havia feito. Eles não aceitam. Estão no mês do Ramadã.

Durante os trintas dias do nono mês do calendário islâmico, todos os muçulmanos - exceto mulheres grávidas, doentes e crianças - jejuam desde o nascer do sol até o anoitecer. Sua referência é o calendário lunar, que é contado a partir das fases da lua. Assim, para os que vivem no ocidente, onde vigora o calendário gregoriano (baseado no calendário solar) o mês do Ramadã migra por todo o ano. O nono mês já caiu em pleno verão tropical, como também nos invernos mais frios. Este ano, o Ramadã caiu em dois meses, começando pela metade de agosto e terminando no início de setembro.

Os fiéis não consideram o ato de jejuar um sacrifício, mas sim uma purificação. É quando eles se renovam. Durante o dia não comem, nem bebem. A primeira refeição do dia só é feita logo após

o anoitecer, antes da penúltima das cinco orações diárias. Assim, as refeições se tornam cada vez mais escassas. Salwa diz que por causa do Ramadã, costumam não comprar muitos alimentos, principalmente os não perecíveis. Isso porque muitas frutas e verduras já estão no ponto quando vendidas, e por causa do consumo baixo, elas acabam estragando. No mês que é dedicado à adoração de Allah, considerado por eles como Deus único, é preciso também planejar a refeição. As famílias se reúnem para o jantar, amigos se visitam durante as noites. Fayez acaba de voltar da rua com um ramalhete de salsa fresca. Deixa-o sobre a mesa. Fora buscar na mulher loira que havia estado ali há algum tempo.

É um sábado ensolarado. Fayez olha pra fora. “Hoje tem pouco movimento” fala o comerciante com seu sotaque libanês bem marcado. Aquela loja de sapatos fora montada desde que chegara a São Borja. Viera porque seus outros dois irmãos já estavam aqui: “a gente sempre vai para onde tem gente que conhecemos” conta o libanês que desde os 25 anos mora no Brasil. Pergunto se antes os tempos eram mais movimentados. “O crediário nos matou”, reclama o comerciante. Depois que as grandes redes vieram para São Borja trazendo a facilidade do crédito, as lojas do município, que praticamente não trabalhavam com crediário, tiveram baixas. Poucas conseguem realizar vendas com parcelas enormes. Assim, sem muitos recursos, muitos compradores desistem da compra.

O comércio foi algo que veio naturalmente. Os dois irmãos que moravam aqui já trabalhavam com isso. Ele apenas aplicou aquilo que havia aprendido com eles antes. O comércio não é ape-

nas uma questão de talento de um povo, mas também de destino. Muitos possuem diversas formações, seja aqui no Brasil ou lá no Oriente Médio, mas o comércio acaba sempre entrando na vida de um ou de outro. Alguns optam por causa do desconhecimento da língua, que faz com que muitos não consigam outro tipo de emprego. Outros simplesmente porque não sabem fazer outra coisa além de negociar.

Algumas meninas entram na loja. Procuram por sapatos. Sapatos, que segundo seus comentários, só suas avós usam. Aliás, os sapatos virarão presentes depois que elas utilizarem para o que necessitam. Fayez tira uma caixa das centenas que cobrem todas as paredes da comprida e escura loja. Mostra a elas alguns sapatos baixos. O sapato de couro é todo fechado. Alguns são marrons, outros pretos. Mesmo a contragosto, as três meninas experimentam. Apenas um calçado ficou bem. Ele diz à menina que ficou muito bem. A menina mais uma vez. Ele insiste. Mas as meninas saem dizendo que vão dar mais uma olhada. Fayez volta a sentar-se num dos sofás velhos que estão no lado direito da loja. Sua expressão não muda, mas sinto que a venda frustrada só refletia que aquilo que acontecera se repetia diversas vezes.

Conversamos novamente sobre o acidente. Ele comenta que alguns queriam saber onde era o velório. Não sabia. Após um breve silêncio, ele então me pergunta sobre como é enterrado alguém na minha religião. Respondo que na religião católica fazemos o velório, rezamos um missa e então enterramos o corpo. Pergunto a ele como é na religião dele. Fayez explica que no Islã também se acredita na vida após a morte. Por isso, eles lavam o

corpo, para que ele esteja purificado ao encontrar com Allah. E não são enterrados em caixões. Eles envolvem num pano branco de algodão comum. “Pra nós, todos são iguais” justificando o pano branco. Depois são enterrados deitados do lado direito e com a cabeça virada pra Meca.

O islamismo acredita no dia do Juízo Final. Quando alguém morre, um anjo vem à terra para julgar os atos bons e maus da pessoa. Tudo ficará guardado num livro até o dia do Juízo Final. As pessoas boas vão para o paraíso e as más para o inferno. Para os fiéis, no dia do Juízo Final, Allah virá à terra e decidirá, de acordo com os atos feitos em vida, o que acontecerá com as almas.

Fayez sai novamente para fazer compras. Converso com Salwa, sua esposa, e seu filho mais novo, Ayub. Durante nossa conversa, Salwa me revela que já está cansada de esperar o desenvolvimento de São Borja. Vivem ali há mais de 30 anos (ela, libanesa, veio para o Brasil depois de se casar com Fayez), e nada de diferente aconteceu desde então.

Salwa pega as compras que Fayez acabara de fazer e leva aos fundos. Como a maioria, eles também têm sua casa nos fundos da loja. O acidente que acontecera naquela semana deixara Fayez chocado. A cada pouco ele fala sobre o acidente. Foi depois de mais uma dessas conversas que falamos sobre a violência. Para ele, isso acontece porque as pessoas não tem mais religião. Não rezam, não vivem mais com fé. Pergunto se ele tem vontade de voltar ao seu país. Ele responde que sim. “Possui algum parente lá



Fayez, 71 anos, tenta ao máximo rezar na mesquita: “Lá a oração tem mais força”.

ainda?”, pergunto. Um irmão ainda está lá. Ele cuida das terras da família.

A manhã está terminando. Já estamos perto do meio-dia. O sol começa a ficar cada vez mais forte. Fayez diz que no Líbano a temperatura não é tão quente como aqui. Lá fica em torno dos 25°C. Ele agora se dirige até os fundos. Irá descansar por algum tempo. Um tempo depois, volta à loja. Está quase na hora da oração do meio-dia. Ele faz quase todas as suas orações na mesquita. A mulher de Fayez me empresta um lenço. No caminho, ele me conta que não faz muito tempo que a mesquita fora criada em São Borja: “pouco mais de três anos”. Ela só foi feita depois que missionários vindos do Oriente Médio chegaram e deram o ponta pé. É por causa desse acontecimento que a religião ainda tem algumas raízes sendo feitas.

Chegamos num prédio alto e velho. Na frente há uma das tantas lojas existentes em frente à praça. Ao lado do prédio há uma entrada de garagem. Entramos por ali. Logo atrás da porta do prédio, que fica em sua lateral, há uma escada. Ela tem degraus curtos, e alguns estão desgastados pelo tempo, com lajotas quebradas ao meio. A mesquita fica no último andar. Subimos até lá. A porta aparenta ser de um apartamento. Quando entro vejo que o andar fora transformado num enorme salão. A mesquita possui três ambientes. Logo na entrada é possível ver uma antessala, com sofás. Sento-me num deles.

Fayez se dirige ao local de reza. Esse lugar está cheio de tapetes de vários formatos e cores. O lugar possui, também, ador-

nos escritos em árabe pendurados nas paredes. O que separa a antessala e esse ambiente de reza é um pequeno armário onde são guardados todos os sapatos. Ali se reza descalço. Além disso, é preciso estar purificado, ou seja, é preciso lavar as mãos, o antebraço, a face, o cabelo, as orelhas, a nuca e os pés. Depois de feita a purificação, o fiel poderá rezar. Caso não tenha nenhuma água por perto, o ritual é feito com areia.

O terceiro ambiente da mesquita é uma sala fechada. Não consigo enxergar mais nada, além de tapetes lá dentro. Descubro mais tarde que ali é o lugar onde as mulheres rezam.

Ainda não é a hora da oração, então Fayez vai até uma estante e pega um livro enorme. Vejo de longe que é algo em árabe. Mais tarde fico sabendo que ali há vários tipos de alcorão de diversas maneiras. Chegam outros. Um deles dirige-se até um velho microfone. Enquanto o chamamento para a oração é feito, o microfone não para de chiar. Esperam algum tempo. Em quinze minutos somam-se seis homens. Todos alinhados lado a lado, com os pés encostados um no outro, iniciam a reza. Fayez então puxa a oração. Todos repetem o movimento. Reza-se de pé, depois se ajoelha e prosta-se no chão. Enquanto estão ajoelhados levantam os indicadores numa espécie de contagem. Mais tarde fico sabendo que os dedos seriam uma espécie de pedido durante a reza.

Sáímos da mesquita. Quando chegamos à loja. Ela está completamente vazia. Fayez vai até um balcão e me tira de lá alguns panfletos. Ele me avisa que irá descansar novamente. São dois panfletos. O primeiro é sobre o conceito de Deus no Islã. O panfleto está repleto versículos de suratas, os capítulos do alco-

rão, todos em português. O Islã prega que Deus é único e que ninguém mais poderá ser chamado de Allah. Durante todo o panfleto repete-se essa mesma afirmação de diversas formas. Além disso, ele esclarece como o muçulmano tem de ser para seja considerado um muçulmano. Para a religião ele não deve apenas acreditar no Deus único, mas também adorar somente a ele. É preciso, também, ter fé em Allah constantemente, em todos os momentos da sua vida.

O segundo panfleto é sobre a vida após a morte. Feito nos mesmos moldes que o anterior, este explica o dia do Juízo Final. Para eles, haverá um dia em que o Universo acabará e Allah virá à terra julgar os atos das almas ocorridos em vida. Depois de julgá-las, virá o dia da Ressurreição, onde será feita a justiça e as boas almas ressuscitarão. A partir desse dia, a vida jamais terminará. E os incrédulos, segundo o panfleto, suplicarão para voltar à vida terrestre e tentar uma segunda chance.

Fayez volta e senta-se ao meu lado, num dos sofás velhos. Olha para fora como se estivesse esperando por algo. De repente se levanta e pega um livro que estava numa das gavetas de um dos balcões da loja. Senta-se novamente no mesmo lugar. Quando vejo a forma com que ele pega o livro, noto que é o alcorão. Mas num formato menor ao que eu vira na mesquita. Ele abre o livro nas últimas páginas. Na verdade, elas são as primeiras páginas do livro. O alcorão, como toda a escrita árabe, é escrito e lido de trás para frente. Lembro-me quando havia perguntado se ele tinha algum livro preferido. Ele apenas disse: “alcorão”.

Depois de algum tempo ele pega o livro e guarda na mesma gaveta em que pegara. Pede para que eu escute algo que ele colocará para tocar. Agacha-se e pega um som com toca-fitas, já velho, que está logo atrás dos sofás. Pega então uma fita K7, e coloca no som. Ouço uma voz feminina falando algumas palavras em árabe, como se estivesse cantando. Ela na verdade, está chamando para ouvir o que será tocado. A voz continua, agora com um fundo musical. Pergunto o que é. Era o alcorão sendo lido. Durante todo o tempo era como se aquela mulher de voz doce cantasse os versículos. Enquanto a voz pronunciava palavras árabes, o sol começava a diminuir o seu brilho.

Estávamos agora na metade da tarde. Era a terceira reza do dia. Como de costume, Fayez volta à mesquita. Vou junto com ele. Subo mais uma vez os vários degraus daquele prédio, agora já me acostumando com a pequena largura que há entre eles.

Quando chegamos lá, ainda não há ninguém. Sento-me no mesmo local. Fayez vai para seu lugar de reza. Como não há ninguém, Fayez vai contrariado fazer o chamamento da oração. Já havia percebido da outra vez quer ele não gosta de fazer isso. O microfone continua a fazer chiado. Das escadas se ouve passos largos e rápidos. É mais um homem que vem para rezar. Ele vai a uma espécie de cozinha que eu não tinha visto antes. Lá ele se purifica, enquanto os outros o esperam. Volta com as mangas arregaçadas, e se dirige até o local de rezas. Por enquanto são três homens. Eles começam a rezar. Um quarto rapaz chega atrasado e se junta aos outros. Todos mais uma vez colocam os pés lado a

lado e rezam repetidas vezes. O barulho dos vidros já não é mais tão ensurdecedor como antes. Agora já ouço a voz de alguns.

Nem todos os muçulmanos rezam na mesquita. Nem são obrigados a ir lá. Mas acredita-se que uma reza na mesquita é feita com mais fã do que a feita em casa. Por isso, alguns optam por ir à mesquita. Fayez é um dos poucos que vai diversas vezes à mesquita.

Voltamos à loja. Chegando lá, consigo sentir um cheiro diferente. É um pouco mais das quatro horas da tarde e o desjejum já está sendo preparado. Aliás, por todo o caminho em que passamos sentimos o cheiro de alguma comida sendo feita. É apenas o reflexo da concentração de muçulmanos no centro da cidade.

A esposa de Fayez agora está com uma roupa diferente. Pergunto o que fizera. Ela me diz que terá carne e que havia também preparado um bolo. Aos poucos vemos mais pessoas passando pela frente da loja. Percebo que a maioria é muçulmana, e que muitos estão indo visitar a casa de familiares. É o caso da família de Fayez que também convidou alguns familiares e amigos.

Estamos sentados na loja à espera do anoitecer. Pergunto a Salwa, porque ela não está usando o véu. Ela me diz que não usa mesmo por relaxamento. Muitas das mulheres que vivem aqui não usam o véu. Os motivos são variados desde o preconceito ao simples desleixo de usá-lo. Muito se deve também, a falta da mesquita por muitos anos, já que ela é considerada o berço dos ensinamentos islâmicos.

Fayez volta a ler o alcorão. Pergunto se irá à mesquita para rezar. Ele me diz que como está muito perto do jantar não terá tempo de ir e vir, assim rezeirá em casa. Ele me diz que a penúltima reza irá acontece às 18:30hs, mas como o anoitecer nesse período é às 18:20hs acaba ficando muito perto. Diz que irá à mesquita mais tarde, quando sua família ir, por volta das nove horas da noite. Durante o Ramadã eles costumam ir para a mesquita se reunir e rezar.

O sol já começa a querer desaparecer. Estamos chegando perto das seis horas da tarde. O casal, sentado lado a lado, espera a noite chegar. Está chegando a hora de me despedir do casal. Saindo da loja sinto que se o dia para mim termina, para eles começa naquele instante que o sol desce.

Ola:

Depois do ramadã

Atravesso a rua com passos largos e rápidos. São quase sete horas da manhã daquela sexta-feira, mas ainda não é possível enxergar muitos automóveis pelas ruas. Chego ao prédio, em frente à praça, onde fica a mesquita. Madeiras isolam quase toda a frente do prédio. Consigo achar um espaço reservado para entrar na lateral do prédio. Entro.

Em frente à porta do prédio, procuro algum vidro, ou qualquer coisa em que eu possa me ver refletida. Abro minha bolsa e tiro de lá um lenço. Tento ajeitá-lo em minha cabeça. O lenço desliza facilmente pelo meu cabelo. Na tentativa de compreender melhor o cotidiano, o modo de vida, os costumes dos muçulmanos, procuro tornar-me invisível e, para isso, devo usar um véu. Afinal, estou prestes a acompanhar um momento sagrado, num local sagrado. Procuro novamente um lugar para ver como está. Não há nenhum. Creio estar vestida adequadamente para enfrentar a reza na mesquita.

Ouçó um barulho vindo de cima. Resolvo subir as escadas. Quanto mais eu subo, mais alto fica o barulho. Os degraus das escadas são muito pequenos e íngremes, o que faz com que eu tenha a sensação de subir mais degraus do que os cinco andares me fariam subir. De repente, o eco das vozes fica cada vez mais nítido.

A porta da mesquita está aberta. Entro procurando minha entrevistada, Ola Abbud, 32 anos, vinda da Palestina há nove anos. Mal coloquei meu primeiro pé dentro da mesquita e vários meni-

nos vieram em minha direção. Não consigo enxergar o resto da mesquita. Vejo apenas seus pequenos dedos apontando, desesperadamente, para a sala que havia no canto da mesquita. Olho para o lado, e vejo Fayez que já havia me visto entrar. Digo que estou procurando por Ola. Ele aponta para a sala e me diz que provavelmente ela já está lá.

Do caminho da porta até a pequena sala, vejo os vários homens sentados nos tapetes destinados à reza. Estão como se estivessem esperando por algo. Em frente à porta da sala, muitos sapatos estão espalhados. Eles rezam descalço. Tiro meu tênis e entro na pequena sala.

Tenho a sensação de que outro mundo se revela. Há um carpete macio vermelho cobrindo todo o chão da sala. Algumas cadeiras de plástico brancas estão encostadas na parede. Vejo, também, alguns escritos. As mulheres estão sentadas no chão. Conversam baixinho, enquanto esperam a reza começar.

A maioria das mulheres está vestida com longos vestidos que cobrem os braços e os pés. Mas ainda é possível ver que algumas usam calças por baixo da vestimenta. Todas estão usando véu. Algumas possuem vestidos mais elaborados, com bordados ou algum outro detalhe. Outras estão apenas usando saias. Algumas usam, além do véu, uma espécie de touca, que cobre absolutamente todo o cabelo. Assim, mesmo que o lenço escorregue, seus cabelos não estarão à mostra. Esse detalhe é muito importante para os muçulmanos, pois eles consideram os cabelos femininos como parte de um corpo sensual e sexy, e que, como o resto do

corpo, deve ser escondido (ou guardado, como costumam dizer) para que não chame a atenção.

Vejo Ola num canto da sala. Está sentada no chão, ao lado de outra mulher. Seu braço se estende, me chamando para me juntar a ela. Atravesso a sala e vou ao seu encontro. Sento em frente a ela. Ela me diz baixinho que irão começar logo. O dia é especial, por isso muitas mulheres usam vestimentas mais elaboradas. É o primeiro dia após o Ramadã, mês sagrado dos islâmicos, onde se é comemorado o Eid ul-Fitr. Essa não é apenas uma comemoração, mas também uma forma de agradecer Allah pela força que tiveram para cumprir o jejum. As comemorações começam na mesquita, com orações e discursos. Após isso, é feito um almoço na casa o mais antigo membro da família, onde se aproveita a oportunidade e presenteiam-se as crianças. Em países com maioria muçulmana a comemoração se estende por três dias, sendo decretado feriado. Aqui em São Borja, a comemoração caiu numa sexta-feira. Por isso a comemoração está sendo feita logo de manhã, pois muitos possuem atividades fora. O almoço coletivo só será realizado no domingo, quando todos têm possibilidade de comparecer.

No outro lado da sala está Salwa, a esposa de Fayeze. Cumprimento-a. Entre os cochichos que se espalham pela sala, a grande dúvida é o motivo pelo qual ainda não começaram a reza. Contrastando com vozes suaves e baixas das mulheres, vozes masculinas, graves, invadem a pequena sala. Nesse momento, Salwa se levanta e vai até a porta. Ela decidira sair e descobrir o motivo da espera. Essa atitude não faz com que as conversas parem. As mu-

lheres continuam a conversar baixinho. Salwa volta e diz que estavam à espera de alguém. A reza começará em minutos.

Todas as mulheres se levantam. Ficam alinhadas, lado a lado, em duas fileiras. Fico acomodada no lugar onde Ola estava. Voltadas em direção ao nascer do sol, elas estão alinhadas à Meca. Não demora muito e uma voz masculina começa a falar. A reza então é feita. Elas não falam alto como os homens, mas ainda assim é possível ouvi-las dentro da sala. Não há em nenhum momento um contato visual entre homens e mulheres. E elas ali seguem o que é dito de fora. O único barulho, realmente alto, é o tilintar das diversas pulseiras que as mulheres usam. O resto vem de fora, como a voz grave que parece reger um orquestra.

Os que estão com alguma liberdade de ir e vir são as crianças. Porém, quando começam a rezar, todos ficam quietos. Alguns imitam os pais, outros apenas assistem. Como o menino que está no outro canto da sala, fazendo dobraduras em um papel e totalmente de costas às mulheres.

Começo a ouvir uma espécie de discurso. Todas as mulheres sentam no chão novamente e começam a escutar. Algumas jovens começam a cochichar durante a fala. As mais velhas pedem silêncio. A voz grave discursa em árabe. Sinto uma sensação estranha. Sou acostumada a olhar para quem eu ouço, e mesmo não entendendo a língua de determinada pessoa, consigo perceber em suas feições o teor daquilo que diz. Agora além de não entender, não o vejo, o que me deixa mais apreensiva sobre o que se fala. A voz grave mantém um tom neutro, não me fazendo perceber o que está transmitindo.

O som de um bater de asas invade o local. Um passarinho atravessa toda a mesquita chegando até a sala reservada. Ele sobrevoa toda a sala e volta a sair pelo mesmo lugar que entrou. Não houve nenhum barulho de susto, ou curiosidade, ou qualquer outro movimento para expulsá-lo. Nada atrapalhara o discurso que estava sendo feito, tampouco a atenção dos ouvintes é interrompida.

Aos poucos ouço palavras que consigo reconhecer. Mas ainda estão misturadas ao árabe. A mistura das palavras nessas duas línguas simulam os arabescos mais estranhos e refinados que possam existir. De repente começo a entender o contexto da fala. Agora o discurso é totalmente em português. A voz grave fala sobre o que é ser muçulmano.

O muçulmano tem a obrigação de cumprir cinco atividades, chamadas de cinco pilares, ou seja, os cinco pilares que fundamentam toda a religião. Eles reúnem rezar cinco vezes por dia, pagar o Zakat (doar aos muçulmanos mais necessitados), fazer o Ramadã, fazer a peregrinação à Meca se possuir condições financeiras e, principalmente recitar em árabe a aceitação da crença, feita quando alguém se converte ao islamismo. Mas a voz diz que para ser muçulmano é preciso ir além disso. É preciso praticar durante toda a sua vida os princípios que a religião passa. Para Ola, algumas coisas se tornam complicadas quando se está em um país que não possui a mesma cultura. A simples atividade de ir rezar fica complicado num país que peça o cumprimento de horários e comprometimento. Detalhes como esses podem fazer com

que a prática não seja totalmente coerente com aquilo que se prega. Obviamente isso se repete aqui na cidade.

O discurso acaba. Todos ficam de pé. Voltam a rezar, todos da mesma maneira. Quando a reza termina, todas dentro da sala se abraçam. O barulho cada vez aumenta, e é possível ouvir de fora os homens se abraçando. As mulheres continuam a se dar felicitações. As crianças que ainda estavam lá fora entram na sala. Abraçam as mães, irmãs e avós. O mesmo faz os dois filhos de Ola, Luai, 4 anos e Samer, 7 anos. Aos poucos as mulheres saem da sala para cumprimentar os homens.

Quando começo a colocar meus calçados, algumas crianças veem me olhar. Curiosas, perguntam o que estou fazendo. Digo que estou fazendo um trabalho para a faculdade. Todas elas saem correndo. Voltam a brincar. Na mesquita noto que todos tem uma relação de amizade muito forte, que começara na vinda dos primeiros muçulmanos à São Borja. Como não havia familiares, os casais amigos se tornaram grandes famílias, seja só por sua amizade, como com casamentos.

Calço os meu tênis. Quando olho mais em frente, consigo notar uma mesa, com uma toalha posta em cima. Será a primeira refeição com o sol brilhando. O clima é festivo. É como se estivesse na casa de nossos avôs, com toda a família reunida. Aos poucos a mesa se enche de biscoitos, pães e pastas. Todas as comidas tem algo árabe. Algumas são receitas adaptadas. Muitos ainda tentam cultivar essas receitas, porém é algo difícil. Não se tem os ingredientes certos e muitos aproveitam suas idas à São Paulo para comprar ervas que aqui não se encontra.

Enquanto a mesa está sendo posta, os que esperam conversam. Uma nova mesa está sendo feita. Serão duas mesas. Mais tarde descubro que uma é para os homens e outra para as mulheres.

Experimento um biscoito à base de nozes. Como de costume o chá, sempre presente entre os árabes, é servido bem quente. Tomo um gole e vejo que o chá é de hortelã. Como as ervas que são usadas na elaboração do chá não existem aqui, muitos apelam para os chás de hortelã de caixinha para substituir. Alguns chegam a cultivar a planta para ter um sabor mais parecido.

A brincadeira não está presente somente nas crianças, muitos homens ali brincam também. Às vezes mais do que as próprias crianças. Eles dançam, fazem piadas e riem muito. Enquanto alguns brincam, Ola traz aos seus filhos chá e biscoitos. Ola também me oferece mais chá. Ao todo são duas chaleiras enormes que são servidas naquela manhã.

O sol começa a invadir mais a sala e é sinal de que já está na hora de abrir a loja.

Acompanho Ola até sua casa. Atravessamos a praça e chegamos num portão que está entre dois prédios. Ela abre e sobe com seus filhos. Subimos as escadas e logo no primeiro andar vejo uma porta de madeira toda talhada. Sua sala é toda decorada com motivos árabes. São toalhas, almofadas e objetos de decoração que fazem lembrar o Oriente Médio. Sento no sofá para esperar Ola.

Uma musica árabe vem dos fundos da casa. É Ziad Said Abbud, 34 anos, marido de Ola que está ouvindo a música. Ela então conta como fora na mesquita. Quando volta à sala, não veste mais o vestido que cobria seus braços e pés, nem está mais com o lenço. Ela já está transformada como qualquer outra ocidental. Veste uma blusa, *legging* e sandálias. O lenço, usado para evitar olhares masculinos, gerava ainda mais olhares para ela. Como poucos praticavam a religião, ela acabava sendo uma estranha no ninho. Foi quando decidiu se vestir como as brasileiras. Hoje, mesmo usando um decote discreto, mas impensável em sua terra natal, passa despercebida entre os tantos que atravessam a praça.

Ela ainda sente falta daquilo que todas as mulheres gostam de saber. “Sinto falta de experimentar diversos tipos de lenços, diferentes vestidos, de acompanhar as novidades. Quando vou para lá [Palestina] tento ver tudo que eles lançam” se referindo à moda do Oriente Médio.

Nascida no Líbano criou-se em território palestino. Mas como sua família tem origem no território Palestino ela é considerada palestiniana. Sua família inteira ainda está lá. Mesmo com um oceano separando-os, ela tenta visitá-los a cada ano. Mas durante os seus primeiros anos de casada não os podia visitar: “Precisava me acostumar primeiro com o lugar onde meu marido morava”, ela não podia correr o risco de querer voltar para a casa de seus pais.



Ola, 32 anos, veio para o Brasil há nove anos depois de casar-se.

Como de costume, Ola vai até a casa de sua sogra presentear-lá e lhe dar felicitações. É comum, em países com maioria muçulmana, que se tenha feriado de três dias, e que esses dias sejam reservados para a visita de parentes, principalmente das mulheres da família. É comum também ajudar as mulheres mais necessitadas. O pai de Ola costuma usar o dia para visitar todas as irmãs, primas e tias. Para eles, isso é feito porque todos os homens tem a responsabilidade pelo bem estar das mulheres da família.

Acompanho Ola até a casa de sua sogra que fica no andar de cima. É um apartamento pequeno, mas confortável. É possível ver vários símbolos árabes espalhados por toda a casa. A sogra de Ola me oferece um biscoito. Ele é comprido e doce, além de fazer bastante farelo. Tento identificar algum ingrediente, mas não consigo.

O dia não é apenas de visitas, mas também de ansiedade, principalmente para as crianças. Elas costumam ser presenteadas nesta data com algum dinheiro. O filho mais novo de Ola está impaciente a manhã toda.

Antes de ir para a loja, Ola volta a seu apartamento. Precisa saber se a empregada já veio. Ainda não havia chegado. Ela olha no relógio diversas vezes. Resolve arrumar seu filho mais velho. Ele precisa ir à escolinha de futebol naquela manhã. Enquanto isso, batidas na porta são ouvidas. Atende. É uma das funcionárias da loja. Ela entrega a chave da loja.

Seus filhos já estão prontos e agora começa a retocar a maquiagem, uma de suas marcas. Os olhos bem marcados com sombras elaboradas contrastam com a pele bem branca. Começara a gostar de maquiagem na faculdade. "Usava pouco, mas depois fui elaborando mais". O mais novo chama a mãe. Quer saber quando irá para a loja para ele pegar seu presente. Ela diz que daqui a pouco irão. Pergunta o que ele vai querer. O menino já se decidira: terá que ser um Power Ranger.

Ela volta a olhar seu relógio. A impaciência cada vez mais toma conta dela. Arruma o cabelo novamente. De repente a música termina de tocar. Continua a se maquiar. Mal termina de colocar o batom, ela tem um estralo. Lembrara que a empregada já havia falado que iria se atrasar por causa de seu exame. Rapidamente guarda suas coisas e corre para a cozinha. Lá avisa ao marido que a empregada chegará logo, e que ele precisa mandar ela para a loja.

Atravessamos toda a praça novamente. A loja fica diretamente em frente à sua casa, no térreo de um grande prédio branco. Lá ela vende todo o tipo de artigo. São roupas, lençóis, utensílios, bolsas, bijuterias e brinquedos. Aliás, é no corredor de brinquedos que o filho mais novo corre. Lá nos fundos ele cata um de seus presentes. O menino já recebera o seu dinheiro, e será com isso que ele deverá comprar. Ola vai atrás dele. Ele escolhe o brinquedo com todos os personagens do Power Rangers. Ele custa mais do que o dinheiro que Ola havia lhe dado. Ela então comunica isso a ele. Em vão. O menino teima em ser aquele, e nenhum outro lhe agrada. Ola tente negociar mais uma vez. Não consegue, e o

menino acaba levando o mais caro para casa. Mas ele terá uma condição: abrirá só quando o irmão chegar.

Ola senta-se atrás do balcão. Liga o notebook. O primeiro lugar que acessa é o Skype. Procura por seus parentes. Quer dar felicitações, mas não está conseguindo. Procura no Facebook, ninguém está. Sua família está espalhada em vários lugares. Algumas irmãs se casaram e foram para os Estados Unidos. Seus pais e outros parentes ainda estão na Palestina. Seu único meio de contato é a internet.

A empregada chega à loja. Ela dá instruções para o dia. Ola tenta novamente se comunicar com seus parentes. Nada. Nenhum deles online. Deixa um recado no Facebook. Isso não adianta. Ela que conversar com seus parentes.

Enquanto ela cuida do caixa, cerca de três funcionárias atendem a clientela. Quem escolhe as coisas de sua loja é ela. “Sou eu que compro. Quase sempre acerto o que sai”. E foi por esse motivo que Ola começou a administrar a loja. Ela costuma fazer longas viagens até São Paulo para comprar diversos artigos para a loja. Formada em arquitetura, acabou ficando no comércio por ser uma das únicas opções quando chegara no Brasil. Tentara seguir a profissão aqui, mas não conseguira achar campo de trabalho. “Mesmo se quisesse voltar agora, teria que retomar muita coisa. Faz nove anos que me formei, e muita coisa mudou. Até as próprias funcionalidades dos programas usados mudaram.” explica. Ela me contara que na última vez que esteve na Palestina, ainda neste ano, ela reencontrou algumas ex-colegas. Visitou seus escri-

tórios e viu seus projetos. Foi ali que ela viu que se quisesse voltar, teria que recomeçar novamente.

Ela sai para resolver burocracias da loja. Enquanto a espero vejo traços dela em todos os objetos da loja. São pulseiras e brincos grandes e prateados. Roupas coloridas mescladas a um estilo mais clássico. Bolsas femininas grandes e coloridas. Tudo que está ali lembra quem as vende.

Toda a rotina de Ola gira em torno da praça. E é nela que atravessamos mais uma vez. Vamos até o restaurante de seu marido. Ela precisa falar com ele sobre algumas coisas da loja. Ela tenta resolver alguns problemas financeiros. Ola chega a reclamar da mania de pedirem desconto. “Não pedem em grandes lojas, mas nas nossas pedem”. O “nossas” que ela se refere são o que os são-borjenses chamam de “turcos” – que na verdade são árabes. Uma das origens dessa cultura do desconto é o fato da cultura oriental de negociar o preço, e não fixar um preço como é costume no ocidente. Assim, de uma forma deturpada, os muçulmanos acabam tendo que continuar com essa cultura, para que não termine com suas vendas. Logo, isso faz com que o lucro que a loja tem, não renda nem a metade do que ela poderia dar.

Perto do meio-dia estamos na loja. O filho mais novo de Ola está agitado. Está ansioso pela chegada de seu irmão. Só assim poderá brincar com seu presente. E seu irmão finalmente chega. O pequeno menino corre para trás do balcão. Busca a sacola para mostrar ao irmão. E então abre o pacote, espalhando pelo chão bonecos, arminhas e espadas. Aos poucos cata cada pedaço do seu

brinquedo. Coloca tudo dentro da sacola novamente. Está na hora dele ir para a escola.

Ola acaba dispensando o almoço. Pede apenas que sua empregada leve as crianças e manda-as para a escola. Por causa do jejum, seu organismo se acostumou a não comer a essa hora. Ela me conta que come aos poucos, até voltar ao ritmo normal – café/almoço/janta -, enquanto isso, ela toma um chimarrão, um hábito que criara desde que chegara a São Borja.

Como Ola acaba dispensando todas as suas funcionárias de meio-dia, ela não costuma cumprir as cinco orações. Além disso, o fato de conseguir tempo hábil para fazer a purificação e arrumar-se novamente faz com que as orações fiquem mais escassas ao longo do dia.

Tenta mais uma vez falar com seus parentes. Nenhuma tentativa funciona. Quando as funcionárias voltam, uma delas fala que houve o sumiço de um vestido. Ola procura saber onde estava. Nenhuma encontra. Suspeita-se de roubo. O vestido apenas é um dos seus menores problemas. Pergunto se há algo sobre roubo no Alcorão. Ela diz que além ser errado, a pessoa que faz isso é punida severamente. Na primeira vez lhe é cortada a primeira mão. Caso roube mais uma vez, sua outra mão é cortada. As regras ditas pelo Alcorão servem como uma filosofia de vida para os muçulmanos. Não existem só regras comportamentais, mas também de organização social.

Sua ansiedade e agitação aumenta ainda mais. Entre um cliente e outro, seus olhos fogem para a tela do notebook. Nenhum

sinal de seus parentes. Mesmo tentando fazer outras coisas suas atenções ainda estão para o Oriente Médio. Até mesmo quando me despeço dela, seus olhos procuram por algumas mensagens na internet.

A rua está movimentada naquela tarde. O sol do verão já chegou à cidade, fazendo com que as roupas ficassem mais curtas. Estou indo em direção a uma loja que fica em frente à praça. Entro e procuro por Ola. Preciso confirmar alguns dados com ela, como a grafia de seu nome.

Ela está atrás de um balcão, atendendo os vários clientes que chegam. Espero um pouco, até que ela me vê e me reconhece. Explico por que vim. Imediatamente ouço a pergunta:

- O que você escreveu sobre mim?

Não esperava a pergunta no momento, já que ela havia concordado com a entrevista. Mas expliquei sobre o que escrevi. A mesquita, seu trabalho e que ela era casada. Quando ouvira a palavra casada, imediatamente retrucou:

-Estou divorciada.

Ao ouvir a palavra divorciada fiquei perplexa. Depois de um breve silêncio, enquanto digeriria a informação, perguntei a ela:

- Uma muçulmana pode se divorciar?

Apesar de ser conhecida no mundo por ser totalmente patriarcal e fechada, a religião permite o divórcio. Mas ao mesmo tempo em que permite, também repudia com veemência a atitude, principalmente ao dizer que "de todas as coisas lícitas, a mais abominável para Allah é o divórcio".

Mesmo aceitando o divórcio, a religião tem diferentes interpretações para este ato. Muito disso ocorre por causa do país onde ela é praticada. Na Turquia, onde a religião não se mistura com a lei, o divórcio é tratado como em todo o continente europeu. Já em países mais fechados, onde o Alcorão serve como base da lei, o divórcio só pode ser pedido pelo homem, sendo que este deve possuir um motivo muito forte. Enfermidades, impotências e adultério são os motivos com que a religião acata com a separação.

Para o Islã é algo impensável manter duas pessoas unidas contra a sua vontade. Por isso o divórcio ocorre nessas situações. Porém, o casal precisa se esforçar para que haja uma reconciliação. Mas se esses esforços forem em vão, o divórcio é feito.

Em se tratando da formalização, não é feita nenhuma cerimônia, já que a união é vista como algo sagrado. O que ocorre é apenas uma espécie de contrato onde as duas partes oficializam que se divorciaram.

Pergunto a Ola como ocorreu o divórcio aqui na cidade. Ela disse que precisou vir um Sheik (uma espécie de padre) de fora, já que esse contrato só é feito na presença deles. O casal então é in-

dagado se já tentou a reconciliação e se tem a certeza da separação. Os dois respondem que sim. Então, o contrato é assinado.

Ainda estupefata com a notícia, me despeço de Ola dando boa sorte à sua nova fase da vida.

Claudia:

o casamento fora da religião

Quando chego à lan-house naquela tarde, Claudia Oliveira Garcia estava verificando mercadorias. Abria caixas, conferia notas e negociava. Uruguaia, faz 21 anos que veio ao Brasil. O motivo foi simples: casou-se com um muçulmano.

Enquanto conferia algumas mercadorias, eu procurava saber de Claudia um pouco mais de sua vida.

Ela me conta que conhecera o marido no Chuí. Trabalhavam frente a frente em lojas separadas. Até que um dia se apaixonaram. E aí começou a história. O problema é que os muçulmanos devem se casar com pessoas da mesma religião. Claudia não era muçulmana. Converteu-se logo depois que foi morar com o marido. Contudo, não se casaram. Esse detalhe não trouxe nenhum conflito familiar, mas durante anos eles foram lembrados constantemente que viviam em pecado. Apesar das diferenças, tanto da família de Claudia quanto a de seu marido, nunca houve rejeição. Mas a pressão sempre existiu.

Mais de 20 anos juntos trouxeram três filhos: Anuar, 14 anos, Nur, 10 anos e Amir, 6 anos.

Mesmo assim, a pressão da família do marido só crescia. Para o muçulmano não existe o namoro. É preciso que o

homem e a mulher estejam comprometidos a se casarem. Por isso, no lugar do namoro eles fazem uma espécie de compromisso. O casal que não se casa é considerado vergonhoso para a família. E por isso a família pressionava cada vez mais.

Há alguns anos a pressão da família venceu. Eles decidiram formalizar a união. No casamento islâmico não é preciso a presença de uma autoridade religiosa, somente com testemunhas. Contudo, muitos casais se sentem mais confiantes se o casamento é feito com uma autoridade, como um Sheik, além do que a presença dele confere uma autenticidade ao casamento. Feito quase sempre em fóruns, a autoridade recebe uma procuração da noiva para que ele possa casar ela com seu noivo. Assim, a autoridade religiosa repete a seguinte frase, em árabe: “Eu, como tutor (procurador) da noiva (nome da noiva), estou casando você com minha autorgante (nome da noiva), com aquele dote que foi combinado. Se você aceita, diga aceito (Qabiltu)”.

O dote citado corresponde ao presente que o noivo dá a noiva. A religião especifica que o presente é somente para a noiva e não para a família dela. Além disso, o presente precisa ser de um valor razoável, nem muito caro, nem muito barato.



Claudia tornou-se muçulmana para viver com seu marido.

Já em São Borja a cerimônia foi simples. Acontecera na própria casa dos noivos, com a presença de um sheik vindo de fora da cidade. Na cerimônia foi feito todo o processo descrito anteriormente, porém a festa – recomendada pela religião – foi mais íntima, tendo apenas os familiares dos noivos para festejar.

Ela continua a conferir algumas caixas. Olha cada produto que chegou e anota num caderno. Aos poucos vou me despedindo de Claudia que começa agora a arrumar suas encomendas.

Aida:

O trabalho para o muçulmano



sol já anunciava que estávamos perto do meio-dia. Um aglomerado de pessoas caminhava rapidamente, em passos largos. A rua Cândido Falcão estava completamente lotada. Carros disputavam cada centímetro daquele espaço. Perto do correio encontro minha entrevistada, Aida Mohamed Mousse, 44 anos. O movimento das outras pessoas se assemelha ao movimento dela naquela manhã. Todos os dias ela se divide entre a loja fundada pelo pai que viera da Jordânia e o hotel que construíra com as irmãs. “Preciso disso para viver”. O que ela faz não é apenas um trabalho para poder se sustentar, mas um modo para se sentir viva.

O trabalho é tão presente na vida dela que sua rotina começa logo pela manhã às 8:30hs quando abre a loja e vai até as sete horas da noite. Só naquele momento ela para e janta com a mãe e as irmãs que moram junto com ela.

Aida não consegue desvencilhar do trabalho. Estão programando uma viagem para o próximo feriado, e ela não sabe se vai, porque não quer deixar tudo sozinho. “Não é porque não confio nos outros, mas sim porque gosto de fazer tudo, o máximo que puder”.

Converso com ela no balcão da loja. Ela fica ali durante o meio-dia, enquanto sua irmã vai rezar. Diz que não fe-

cham a loja porque demora muito para arrumarem tudo o que está fora dela. “Em outros países as pessoas saem de suas lojas para rezar e não tem a preocupação de deixar as coisas para fora”. A loja que vende diversos artigos expõe várias mercadorias na própria calçada, transformando a rua num corredor comercial. É por essa característica que os são-borjenses apelidaram a rua de “Rua dos Turcos”. “Não sei o porque desse nome, é difícil encontrar turcos aqui em São Borja” diz Aida. O são-borjense, como todo o brasileiro possui esse costume porque os árabes que chegaram ao Brasil até a Primeira Guerra Mundial tinham os passaportes expedidos pelo Império Otomano, comandados por turcos. Daí o engano de achar que todos são turcos.

A loja está colorida nesta semana. Estão investindo para o dia de finados. Um dos dias que mais vendem. Antigamente, seu pai costumava viajar até a 25 de março em São Paulo para abastecer a loja. Hoje já não costumam ir tanto para São Paulo. Muitas das coisas ali vendidas são compradas sob encomenda. “São viajantes que vem até aqui e trazem o que queremos, fora as lojas que fazem encomendas pela internet”.

Mesmo com o movimento das ruas ficando cada vez mais fraco, Aida continua atendendo. Por estarem abertos ao meio-dia, sempre aparece alguém para comprar algo. Em sua maioria são trabalhadores que estão voltando para casa. En-

quanto não atende, ela se divide em conversas comigo e telefonemas. O meio-dia está próximo e é a vez de suas funcionárias saírem. Elas se despedem uma a uma.

Sua irmã neste momento já saíra para rezar. Pergunto a ela como é essa adaptação. “É difícil cumprir todas as regras”. Diz que muitos acabam se isolando das outras pessoas para poder praticar a religião. Sem contar que as obrigações são difíceis de cumprir no Brasil. Ela me conta que uma das obrigações é a doação. Parte dos cinco pilares, o Zakat - como é chamada a doação - serve para afugentar a distância entre ricos e pobres, além de praticar o desapego. Porém essa doação só pode ser feita de muçulmanos para muçulmanos. Em São Borja eles não conseguem cumprir porque há poucos muçulmanos. Eles estimam que seja entre 150 e 200. Desse modo as doações vão para a Meca.

Nossa conversa acaba invadindo a história. Seu pai foi um refugiado da guerra de 48. Uma das primeiras guerras do conflito árabes versus judeus começou depois de uma decisão da ONU em criar um estado palestino e outro judeu - no lugar onde é Israel. Os países árabes não aceitaram e resolveram declarar guerra. Como refugiado, o pai de Aida fugiu para a Jordânia, onde ficou por um tempo, antes de vir para o Brasil. Aqui seu pai, o primeiro da família a chegar ao país, trabalhou como mascate por sete anos percorrendo todo o interior da região. É por causa da experiência de seu pai que

ela explica o porquê dos refugiados vindos recentemente não conseguem prosperar no país. “Alguns vem e não trabalham, acham que é só ficar nas costas do governo”. É por isso que alguns chegam e acabam querendo voltar.

A rua agora está vazia. Aida não almoça durante o meio-dia. Ela come alguns lanches que sua irmã traz para ela mais tarde. Enquanto isso, Aida continua a telefonar. Quando não telefona, conversa. Diz que no hotel não recebem muitos mensalistas (estudantes que alugam os quartos) porque não seria viável financeiramente para eles. Me conta que acredita que a nova vinda de estudantes é boa para a cidade. “É uma evolução”. Fala que não gosta de parar. “Preciso me mexer pra não ficar quieta”. E assim durante o tempo de saída de sua irmã até a volta dela, Aida achava algo para fazer.

Quando sua irmã chegara, ela trazia consigo um pote fechado e uma garrafa térmica. Seu outro irmão também chega. Os três ficam ali, lancham no próprio balcão. O pote trazia várias esfihas. “Come essas, são diferentes do Habib’s”. A esfiha de tamanho médio, trazia muito recheio. Para beber me oferecem chá. O cheiro de hortelã é mais forte agora. Sua mãe tem uma horta de hortelã em casa. Dizem que não é o original, mas assim acaba se aproximando do chá tomado no Oriente Médio . O chá é servido bem quente. Demoro para tomar.

Agora que seus irmãos estão ali, Aida consegue dar um pulo no hotel que fica ali ao lado para ver como estão as coisas. Dividida entre um e outro, ela fica pela manhã na loja e pela tarde no hotel. Mas essa divisão nunca é certa, ela sempre anda de um lado para o outro.

O ponto do relógio já indica que estamos perto da uma hora da tarde. Mas não era nem preciso olhar o relógio para perceber isso. A rua, antes vazia, enchia cada vez mais. O barulho dos carros aumentara, e conseqüentemente o número de atendimentos na loja também.

Ela precisa digitar alguns documentos, por isso me convida para ir até a sua casa. Diferentemente de outros muçulmanos, sua casa não está acoplada com a loja. Caminhamos duas quadras até chegar à sua casa, onde ela mora junto com suas irmãs e sua mãe.

Durante o caminho Aida me conta que sua mãe costuma passar a tarde vendo o canal árabe com amigas. Mas hoje ela não estará fazendo isso. Pergunto a razão disso. O fato é que neste dia morrerá uma pessoa importante no Oriente Médio, por causa disso o canal que sua mãe assiste ficará de luto por uma semana. Durante esse tempo, o canal passará o Alcorão diversas vezes escrito e lido.

Chegamos a uma casa azul com portões baixos. Sua frente possui duas portas. Quando entro na casa percebo que

elas dão praticamente no mesmo espaço que é dividido por uma mesa de jantar.

Um dos primeiros lugares a me mostrar é a estante com lembranças do Oriente Médio. São bibelôs, camelos e o Alcorão. A estante cobre toda a parede da pequena sala de estar. Aida tenta localizar sua mãe. Ela está se arrumando para rezar. Então começa a fazer seu trabalho, enquanto eu observo sua mãe rezar. Ela estende um tapete com desenhos que lembram o Oriente. Coloca logo atrás do tapete uma cadeira. Por ser de idade ela não consegue se prostar, assim, ao invés de realizar esse movimento ela senta-se.

Após rezar, ela guarda o tapete e troca seu véu. Usa agora um mais leve, para enfrentar o calor daquele dia.

Vou junto com ela para outra sala que possui uma TV. Ela me mostra o canal que sempre vê. Me explica o porque do luto. Pergunto se é o Alcorão. Ela responde que sim. Ela aguarda um pouco no canal, até zapear um novo. Os canais são de vários lugares do Oriente.



Aida não consegue viver do trabalho: “Preciso me mexer pra me sentir viva”

Coloca primeiro num canal do país de Iémen que passava toda a peregrinação da Meca. Ela me conta que já esteve lá. São quilômetros de peregrinação, onde cada um precisa dar sete voltas na Caaba, um bloco de pedra considerado sagrado pelos muçulmanos. O lugar é enorme e ela diz que se sente totalmente pequena estando lá. Todos que ali rezam estão vestidos de branco, para que todos se igualem.

Em pouco tempo ela passa para um canal da Síria onde o programa está sendo feito de um shopping. O apresentador entrevista duas mulheres loiras sem véu. Ela me diz que elas poderiam ser turistas. Não demora muito e nós já estamos vendo outro canal. Agora o canal apresenta um show onde é possível ver um enorme palco que acompanha diversos dançarinos, em sua maioria, homens.

O próximo canal a vermos passa uma espécie de novela. Os planos ali são extremamente fechados e os atores parecem terem saído de uma novela mexicana. Porém, mesmo numa discussão, todos eles estão sentados em sofás sem se mexerem. Não há muita expressão no corpo. É possível ver que estão discutindo somente pela entonação da voz e pela expressão do rosto. A próxima cena é de uma perseguição. Os planos ainda são fechados procurando focar somente num carro, e não na perseguição. Tiros começam a ser disparados. Parece que estou vendo um dos antigos filmes de faroeste, onde se acontece um duelo. A novela vai para o inter-

valo e ela troca novamente. Agora num canal de Dakar passa outra novela. Uma mulher de lenço comprido e escuro discute com um rapaz. Apesar do cenário não ser muito produzido, os atores agora parecem serem mais convincentes. A própria câmera começa a fazer planos mais abertos. Mas o interessante é que mesmo a mulher estando coberta é possível ver grandes brincos dourados. Contudo a discussão aumenta, e novos cenários e personagens aparecem. Apesar de ainda não possuir um grande investimento em cenários exteriores, a novela desse canal pode ser comparada a uma série.

Aida está terminando de digitar. Em pouco tempo irá para o advogado entregar os documentos. Ao me despedir de Aida, consigo escutar ao longe a voz da mulher ainda enfurecida.

Muezar:

Refugiados no Brasil

A casa lembra arquitetura do começo dos anos 90. Entro pelo portão que está aberto. Consigo ver nos fundos uma garagem cheia de velharias. Já estive naquela casa, e já sabia que as duas portas da frente davam à mesma sala. Aperi-tei a campainha. Uma mulher de lenço branco me atende.

- Muerrar está? – pergunto indecisa se conseguira pronunciar o nome dela direito.

A mulher não conseguira me entender. Repito novamente. Ela ainda não me entendera. É quando vejo nos fundos a mãe de Aida. Estico meu braço e aponto para ela dizendo:

- A filha mais velha dela.

A mulher finalmente entende e abre mais a porta. É quando me convidam para entrar. Só então descubro que falei o nome totalmente errado:

- Muezar já vem, ela deve estar rezando – explica a mulher achara que era mãe de Muezar, mas que na verdade é a sua madrastra.

Sento no sofá da pequena sala. Sua madrasta e uma amiga dela estão ali lanchando e vendo um canal árabe. Apesar da língua ser completamente diferente, a apresentadora usa roupas justas. Ao julgar pelas imagens que se reproduziam no televisor, era visível que o programa era feito num país de fora.

A anfitriã me oferece um bolo. Como quase todos os doces árabes, esse também possui nozes. Aliás, muitas nozes. O gosto do sorvete de chocolate que havia tomado há pouco tempo desaparecera completamente da minha boca. A cada pedaço que comia do bolo, as nozes invadiam minha garganta. Confesso que a quantidade imensa de nozes chegou a repugnar.

Calmamente Muezar Muahd Moca, 59 anos, chega à sala onde estamos. Ela ainda está sem lenço. Senta-se e aos poucos cobre sua cabeça. Primeiramente, uma espécie de touca, depois o lenço em si.

Nascera na Jordânia e morou lá até os 16 anos. Veio para o Brasil, tentando fugir de mais uma possível guerra que teria. Já tinha passado por uma. Durante o ano de 1967, ela chegou a acompanhar a Guerra dos Seis Dias, onde a Jordânia perdera o território que conseguiu anexar em 1948: a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Com medo de mais uma guerra, Muezar conseguira fugir naquele mesmo ano. “Tive

muito medo naquela época”. Ela veio atrás do pai que já morava aqui em São Borja.

Quando chegou ao Brasil não falava nenhuma palavra do português. “Era difícil, mas consegui aprender facilmente”. Seu pai ajudava levando ela para trabalhar na loja de artigos fundada por ele. Apesar de pronunciar bem as palavras, ainda hoje ela ainda se sente insegura para falar.

Desde lá trabalha com suas irmãs na loja herdada pelo pai. Atualmente seu único turno é pela manhã. Esta tarde é sua folga.

Mas seus primeiros anos foram difíceis em São Borja. Além da língua que bloqueava a comunicação, a falta de informação das pessoas que viviam ali atrapalhava ainda mais. “Alguns achavam que usávamos lenço porque tínhamos piochos”, conta Muezar. Para ela o uso do véu significa não só uma proteção, mas sim um sinal de respeito à Allah. Contudo, por causa da intolerância, ela não usou véu por vários anos. “Comecei usar novamente depois de mais velha”. Muito disso se deve à vinda da mesquita que marcou uma renovação da fé entre os muçulmanos que moram na cidade.

Tento voltar ao assunto da guerra. Queria saber como era aquela época, e como a população lidava com aquilo. Afinal, a Guerra dos Seis Dias definiu as fronteiras de Israel, fazendo que o país se fortalecesse frente a outros países ára-

bes, dentre eles a Jordânia. Quanto mais pergunto sobre essa época, mais ela se esquia. A única informação que consigo extrair é de que naquela época várias bombas caíam na Jordânia – Israel venceu principalmente pelo poder bélico aéreo, ajudado pelos Estados Unidos – e que ela tentava se esconder delas.

Aos poucos o sol vai parando de brilhar. Chega a minha hora de me despedir. Ainda com o gosto de nozes na boca, saio de lá com a sensação de que poderia ter conseguido mais.

Marciel:

O jovem brasileiro muçulmano



calor estava insuportável naquele sábado à tarde. O sol quente fazia com que o asfalto colocado a pouco tempo começasse a derreter. Quando cheguei à loja de Marciel Murad Ibrahim, 21 anos, vários ventiladores de teto estavam ligados. Enquanto ele terminava de atender seus clientes, sua mãe, Maria, aproveitava o tempo para trocar os CDs que tocavam na loja. Ao som de Raça Negra, começo minha entrevista com Marciel.

Nascido em São Borja, nunca saíra da cidade, apesar de ter viajado para vários lugares como Pelotas, Bagé e Santana do Livramento. Ele ainda tem parentes na Jordânia, mas nunca conseguira sair do Brasil. “Já marcaram passagem pra mim e eu desisti na última hora”, explica.

Marciel começa a dobrar as roupas que estão em cima do balcão. Pergunto a ele como ele faz para cumprir com as orações. Considerado como um dos mais importantes dos cinco pilares da religião, o muçulmano deve orar cinco vezes ao dia: uma durante a manhã, outra ao meio-dia, outra à tarde, durante o crepúsculo e ao anoitecer. Em países com maioria muçulmana, os trabalhadores deixam suas lojas para rezar. Mas aqui é preciso fazer diferente. Para que todos rezem em sua casa, eles se revezam. A cada dez minutos, um

sai e reza, enquanto o outro espera. Somente desse modo eles conseguem cumprir com as orações.

Entre uma pergunta e outra, Marciel atende os clientes. Nisso, olho toda a loja. Ela é forrada de estantes cheias de roupas. Sem contar que existe uma parede dedicada exclusivamente para sapatos. Entre algumas araras é possível enxergar os manequins dispostos lado a lado em uma das entradas da loja.

Das restrições que a religião impõe estão a de não beber álcool e a de não fumar. Marciel confessa que é difícil resistir às tentações: "os amigos 'intimam' pra sair". Confessa já ter saído e bebido, mas é fácil ver o orgulho dele ao dizer que fazem cinco meses que não sai. Ele encontrou um método para que continuasse a ter amigos, sem ter que sair a noite com eles. Todo sábado à noite, ele se afugenta em seu quarto, e não mantém contato com eles. Somente no outro dia ele volta a conversar com seus amigos. Ele diz que conseguiu fazer isso porque o seu refúgio é a fé: "Só depois de conseguir aumentar minha fé é que pude controlar minha vida".

Mais um cliente entra na loja. Ele atende. Um rapaz e sua namorada escolhem algumas blusas. A namorada do cliente fica em dúvida entre duas blusas. O namorado aproveita e pede desconto. Marciel começa a negociar com tranqüili-



Marciel viaja para vários lugares. “Gosto muito de viajar”. Mas nunca visitou um país árabe. Sua família tentou uma vez, mas ele desistiu na última hora.

dade, até chegarem num acordo. O cliente leva só uma blusa. Quando voltamos a conversar, pergunto sobre a cena. Marciel acredita que o pedido de desconto é normal. Considera até mesmo um direito do cliente. Pergunto se o pedido tem relação com sua ascendência árabe. Ele confessa que alguns acabam exagerando ao pedir o desconto exatamente por essa característica.

Na entrada da loja, uma jovem loira aparece. Aparenta ter uns 17 anos. Quando Marciel avista a jovem ele imediatamente fala: “Por ela eu abandonaria a religião”. A jovem ri, parecendo já estar acostumada com aquelas frases. A mãe de Marciel entra na brincadeira falando que o filho queria namorar com ela. Entre brincadeiras, a jovem chamada Érica confirma quando começará a trabalhar. Na próxima segunda ela estará lá.

Quando ela sai, aproveito e pergunto a Marciel o que aconteceria se ele realmente se apaixonasse por uma mulher que não fosse muçulmana. De uma forma franca, ele me diz que é encarado como normal um homem ter um relacionamento com uma mulher não muçulmana. Mas quando é para se ter um compromisso sério, eles devem casar com uma muçulmana. Ele continua explicando que alguns homens chegam a se casar com mulheres de fora da religião. Porém isso só é aceito porque acreditam que é mais fácil converter uma mulher do que um homem. Segundo Marciel, o homem

não aceitaria as restrições facilmente, já a mulher aprenderia com o marido. Pergunto se ele acha que a mulher é convencida mais rápido. Ele responde que sim.

Comenta ainda que a mulher procura no homem suas qualidades. Já o homem, os seus defeitos. Por isso seria inimaginável que houvesse um casamento fora da religião. Para ele, se o homem descobre algo obscuro da vida de uma mulher com quem pretende se casar, ele já não irá se casar. Já a mulher procuraria as qualidades que o seu futuro esposo teria, não dando importância ao seu passado.

Marciel me explica que as mulheres são consideradas joias pela religião. Por isso devem ser guardadas. Ela não pode ser impura, nem ser pouco valorizada. Afirma que a sociedade ocidental não valoriza a mulher, deixando-a jogada para fazer o que quiser.

Somos interrompidos por mais um cliente. Olho no relógio e vejo que está aproximando o horário em que Marciel irá rezar. Vejo que ele já está impaciente enquanto atende. Sua mãe já o ronda para avisar do horário. É então que percebo que já está na hora de partir. Espero ele terminar de atender seu cliente. É quando me despeço.

Kelen:

A jovem brasileira muçulmana



tapume de madeira cobria quase todas as laterais do prédio. Entre entulhos, havia um pequeno caminho que dava em direção à velha porta verde. Ao longe conseguia ver o outro lado da rua através de uma porta que dava nos fundos do prédio. Encontro novamente os degraus íngremes que dão acesso à mesquita. Mas dessa vez subo somente até o terceiro andar. Conhecido como prédio dos turcos, além de ter a mesquita, ele abriga várias famílias muçulmanas como a de Kelen Hasan, 19 anos.

Nascida em São Borja, morou até os 15 anos em Porto Alegre. Antes de seus pais se divorciarem, sua vida era dividida entre duas religiões: a católica e a islâmica. Mas o sangue árabe herdado de sua avó que viera da Jordânia falava mais alto. “A via rezar com seus lenços e ficava encantada com aquilo”, conta Kelen.

Depois que terminara o Ensino Médio, sua rotina está toda ligada à casa. Enquanto seu pai viaja a negócios é ela a responsável pela casa. “Não me sinto sozinha porque tenho vários parentes no prédio”, explica. E é na sala ampla do apartamento, que mescla detalhes árabes e brasileiros que começo a conversar com Kelen.

Apesar de ter uma mãe católica, sua criação obedeceu todos os costumes muçulmanos. "Minha mãe sempre respeitou meu pai. Ela nunca usou decotes, nem mesmo tinha carne de porco em casa". Para os muçulmanos a carne de porco é proibida por considerar o porco como um animal impuro. Entre outras carnes proibidas estão a de javali, lobo, cão, de aves de rapina e de serpente.

Enquanto ela ia crescendo, ficava mais nítida sua opção religiosa. E isso se confirmou quando chegou a hora de decidir com quem iria ficar: "escolhi meu pai, não por preferência, mas sim porque sabia que aqui em São Borja conseguiria seguir a religião", explica.

Aos poucos, Kelen começava a cumprir algumas exigências. Começou com as primeiras rezas até chegar ao véu. O véu é usado depois da primeira menstruação da menina. É quando a natureza diz que ela já é uma mulher. Mas com Kelen fora diferente. O uso definitivo do véu, sem interrupções, começou há um ano. Foi preciso a vinda que um muçulmano do Kuwait para que ela e outras amigas comessem a usar. "Ele sentia que ele deveria falar com a gente". Por isso além das aulas que ele dava mesquita, ele também reunia todas as moças para conversar sobre o uso do véu. "Aos poucos aquilo foi tocando em nós". Até que um dia ela e sua prima Amira decidiram usar o véu. A experiência foi na casa da tia de Kelen. Mas durou apenas três meses: "além de

cobrir a cabeça com o lenço, era preciso cobrir o corpo, com blusas compridas. Não conseguia me arrumar. Acabava nem saindo na rua por me sentir horrível.” Para ela esse era o principal problema. Ela nunca se importara com os olhares curiosos das outras pessoas. Mas ao se mesclar com as outras meninas de sua idade, e continuar a ver as suas primas e amigas usando o véu, sua consciência necessitava daquele diferencial. “Sentia vergonha de não estar usando o lenço”. Só depois de uma segunda vinda do kuwaitiano é que ela comaçara a usar o véu definitivamente.

Nossa conversa foi interrompida por batidas na porta. Era a prima de Kelen, Amira. Ela entra na sala já reclamando do calor insuportável que fazia naquele dia. Ela estava certa. Eu mesma estava suando sem parar. Cheguei até indagar Kelen sobre o calor. Sempre me perguntei como elas aguentavam aquele calor com roupas compridas. Ela diz que não sentem tanto calor. O único problema é quando usam um lenço que precisa dar voltas na cabeça. Ela me conta que usam mais esse tipo de véu, pois acreditam que outros véus (que possuem abertura para o rosto) são para mulheres mais velhas. O que as tornam legítimas mulheres vaidosas: sacrificam-se para ficar bonita.

Amira deita-se num dos vários sofás da sala. Como estamos só entre mulheres, ela retira o enorme lenço para se refrescar. Eu e Kelen continuamos nossa conversa.



Criada entre católicos e muçulmanos, Kelen optou pelo Islamismo.

Como qualquer jovem brasileira, Kelen também gosta de se divertir. Porém, ao contrário das outras jovens elas não bebem álcool, não fumam e nem namoram. Para qualquer muçulmano o ato de beber e se drogar é proibido por alterar a consciência do ser humano. Além disso, as várias restrições são usadas para guardar as jovens. Para Kelen, o espantoso não é ter essas restrições, mas sim, ver meninas novas já fazendo sexo. “Fico espantada quando me contam, digo a elas que isso só pode ser feito com o marido”. O grande diferencial de Kelen para outras meninas da mesma idade é como ela fora criada. Durante toda a sua vida, os pais, tios e avôs lhe diziam que o certo era não usar decotes, não beber, não fumar e principalmente, se casar somente com um muçulmano. O que faz com que nós, pessoas que não praticam o islã, pensar que essas mulheres são submissas é o modo como vemos a vida. Ou seja, o que para nós é algo improvável, para ela é algo totalmente normal.

Aqui em São Borja elas encontram um modo de burlar as proibições. Quase sempre Kelen organiza festas em sua própria casa somente para as amigas e tias. “Nós usamos roupas mais curtas, soltamos o cabelo e nos maquiamos. Ficamos bem à vontade somente entre nós”. Apesar de terem restrições, quase todas comportamentais, elas encontram uma forma de expressar aquilo que sentem e querem.

Kelen diz que seria mais difícil se fosse somente ela a ser muçulmana. “Tenho amigas muçulmanas que moram em outras cidades, mas elas não usam véu por serem as únicas muçulmanas de lá”. Ter alguém em quem se apoiar é o que faz com que essas jovens de São Borja consigam atravessar as barreiras culturais que a sociedade impõe.

Quando pergunto sobre seu maior desejo, ela faz uma pequena pausa. A resposta que veio a seguir me lembrou aquilo que nossas avós sempre desejaram: casar e ter filhos. Já tentara realizar esse desejo. Fora noiva durante três meses. Para o muçulmano, é preciso que o homem e a mulher se comprometam a se casar. Namorar por namorar não é aceito. Brinco com Kelen de que esse compromisso é apenas uma versão de um namoro sem muitas intimidades. Imediatamente ela solta uma gargalhada, acompanhada com uma afirmação sobre o que eu disse. Nesse ambiente de risadas, me despeço dela e de sua prima.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os entrevistados que dispuseram um tempo de seus dias para colaborar com esse projeto.

Gostaria de agradecer à Mesquita de São Borja por me receber de forma acolhedora.

Agradeço também, à minha orientadora, Joseline Pippi, por responder todos os meus e-mails cheios de dúvidas e me ajudar a realizar esse trabalho.

Agradeço aos colegas que me incentivaram persistir à minha ideia.

Por fim, agradeço aos meus pais que me ajudaram no meu crescimento pessoal e profissional.